

RESENHA:**Capítulo 7 - O Reino e a Igreja**

LADD, George Eldon. **Teologia do Novo Testamento**. Tradução: Degmar Ribas Júnior. São Paulo: Hagnos, 2003. p.143-161

O autor inicia o capítulo formulando duas perguntas. Será que o Reino de Deus deve, em algum sentido da palavra, ser identificado com a Igreja? Se não, qual a relação entre os dois?

Para os cristãos dos três primeiros séculos, o Reino sempre foi considerado escatológico.

Agostinho identificou o Reino de Deus com a Igreja, uma identificação que permanece na doutrina católica, muito embora Schnackenburg reivindique que o novo conceito católico concebe o Reino em termos de salvação histórica, a atuação redentora de Deus por intermédio da Igreja.

Qual a relação entre Jesus e Israel?

Jesus veio como judeu, para o povo judeu. Aceitou a autoridade do Antigo Testamento, adotou a prática dos rituais do templo, participou da adoração na sinagoga e durante toda a sua vida viveu como judeu. Insistiu que sua missão era alcançar as “ovelhas perdidas da casa de Israel” (Mt 15.24). Quando enviou seus discípulos em uma missão, orientou-os para que se afastassem dos gentios, ordenando-lhes que pregassem apenas ao povo de Israel (Mt 10.5-6). Esta tomada de posição foi fundamentada no contexto histórico do pacto e das promessas feitas pelos profetas no Antigo Testamento, e reconheceu a Israel, a quem o pacto e as promessas foram dados, como os naturais “filhos do reino” (Mt 8.12; Nm 6.22-27).

O fato é que Israel como um todo rejeitou tanto a Jesus como a sua mensagem a respeito do Reino. Mas, Jesus continuou apelando à nação de Israel até o fim. O Evangelho Segundo Marcos, descreve o conflito e a rejeição desde o início (Mc 2.20). A rejeição de Jesus e a controvérsia com as autoridades judaicas, encontra-se na rejeição do Reino proclamado por Ele, e no arrependimento que tal proclamação requeria.

Outro fato, inclusive os líderes e o povo, recusou-se a aceitar a oferta do Reino feita por Jesus. Ser discípulo de Jesus era diferente de ser discípulo de um rabino judaico. Os rabinos exigiam a lealdade de seus discípulos para com a Torá, ao passo que Jesus exigiu lealdade à Sua pessoa.

Os profetas consideraram Israel em sua totalidade como uma nação rebelde e desobediente e, conseqüentemente, destinada a sofrer o julgamento divino. Contudo, ainda permaneceu dentro da nação infiel um remanescente de crentes fiéis, que se constituíam o objeto do cuidado de Deus.

A chamada dos doze discípulos por Jesus para compartilharem de sua missão, tem sido reconhecido como um ato simbólico. Os doze estão destinados a exercer a função de regentes do Israel escatológico. Por conseguinte, representam não somente o povo escatológico de Deus e para aqueles que aceitam a oferta da salvação messiânica, onde Jesus chamou uma nova congregação para ocupar o lugar da nação que estava rejeitando sua mensagem.

A inclusão dos gentios como aqueles que recebem o Reino, é ensinada em algumas passagens. Quando a rejeição de Israel, com relação à oferta do Reino, havia se tornado irreversível, Jesus proclamou solenemente que Israel não mais se constituiria o povo segundo o bom propósito de Deus, mas que em seu lugar seria assumido por outros que dê os seus frutos (Mt 21.42-43).

O Novo Testamento apresenta a Igreja como a comunidade do Reino, a comunidade que reconhece a Jesus como Senhor e Salvador, por meio da qual, numa antecipação do fim, o Reino se manifesta concretamente na história.

Os termos Messias e comunidade messiânica são correlatos: Jesus é o Messias e chama uma comunidade que reconhece a validade de Sua afirmação. Ele chamou pessoas a deixar para segui-lo (Lc 9.57-62; 14.25-33). Aqueles que seguiram o Seu chamado constituíram o “pequenino rebanho” ao qual o Pai deseja dar o Reino (Lc 12.32). A referência de Jesus a comunidade messiânica como “minha igreja” (Mt 16.18) se ajusta perfeitamente com um propósito de Sua missão. Ele é o Messias, em quem o reino de Deus se tornou realidade presente. A Igreja é a comunidade que surge como resultado de Seu poder Real. Sendo assim, a Igreja não deve ser equiparada com o Reino.

Como cita Ladd:

Em suma, mesmo existindo uma relação inseparável entre o Reino e a Igreja, estes não devem ser considerados idênticos. O ponto de partida do Reino vem diretamente de Deus; e o da Igreja, dos homens. O Reino significa o reinado de Deus e a esfera na qual as bênçãos de seu reinado são desfrutadas(...) O Reino cria a Igreja, opera por intermédio dela e é proclamado no mundo por ela. (LADD, 2003, p.157-158)

A Igreja é a comunidade do Reino, mas nunca o próprio Reino. O Reino é o reinado de Deus, a Igreja é a comunhão existente entre as pessoas. A Igreja não é o Reino de Deus, mas o resultado concreto do Reino. Ela leva as marcas de sua existência histórica, do “ainda não” que caracteriza o tempo presente. Mas aqui e agora ela participa do “já” do Reino que Jesus iniciou. Mesmo que a Igreja não seja equiparada com o Reino, mas tampouco separada dele. Embora a Igreja nunca atinja a perfeição, nesta era, ela deve, no entanto, demonstrar a vida da ordem perfeita, ou seja, o Reino escatológico de Deus.

Luiz Carlos da Silva Filho

Ministro do Evangelho*

Ministério Bíblico Palavra Viva

luizcarlos@mbpalavraviva.org



(0xx51) 9319-1695

* Ministro do Evangelho no Ministério Bíblico Palavra Viva, São Leopoldo/RS. Pós-Graduando Especialização Aconselhamento Pastoral pela Faculdade Teológica Batista do Paraná. Bacharel em Teologia pela Universidade Luterana do Brasil. Membro Associado Conselheiro Bíblico pela ABCB - Associação Brasileira de Conselheiros Bíblicos. Membro Certificado Conselheiro Cristão Pastoral pela IACCP - International Association of Christian Counseling Professionals.